

CARTAS POLITICAS A UM OPERARIO

Raul PILLA

16.7.45

(Copyright dos "Diários Associados")

24.7.45

XV — Creio, Antônio, que estamos tocando ao fim da nossa correspondência. Não é que esgotado tenha sido o assunto. Inúmeros são os fatos que eu te pudera ainda aduzir, para mostrar ao vivo o que é este regime, que lançou o país na pior, na mais grave das situações. Mas, além de que me falta o tempo, para tratar de certos assuntos, faltam ainda, no Brasil, as necessárias condições legais, ou, melhor, constitucionais, para os poder discutir livremente.

Entretanto, bastam os fatos conhecidos e apontados, para que se possa formar um juízo fundado acêrca do chamado "Estado Novo". Cumpre, apenas, a quem quisér proceder com consciência e patriotismo, ponderá-los e meditá-los cuidadosamente, antes de tomar uma decisão.

Nas palestras que mantivêmos, Antônio, fiz-te tôdas as concessões possíveis e imagináveis. E a conclusão foi sempre a mesma: nada justifica o **queremismo** que, com mefistofélica arte, foi inoculado em certas camadas populares.

Pararematar o debate, vou fazer-te agora a máxima das concessões: que, além de uma legislação social perfeita, o Ditador

te haja facultado excelentes condições materiais de vida, e nada te falte neste país, onde tudo está faltando.

Seria isto motivo suficiente, Antônio, para que renunciasse à liberdade — o bem supremo do homem — e abrisse mão dos direitos e deveres do cidadão? O porco poderá sentir-se muito bem na sua pocilga e o cão muito bem com a sua corrente, mas o homem, esse não poderá renunciar à sua dignidade, sem deixar de ser homem.

Já te reconheci, Antônio, que nem todos têm ou podem ter a mesma fortaleza. A espécie é a mesma, mas os indivíduos são muito diferentes: há homens, há super-homens e há sub-homens. Com estes, não nos devemos ocupar. Consideremos, apenas, o comum dos mortais. Vou conceder-lhes que a tudo sobreponham a comodidade da vida. Pois bem, se tal comodidade só pudesse conseguir-se mediante o sacrifício das prerrogativas da personalidade humana, não lhes condenaria eu, de todo, o seu apêgo à Ditadura. Explicar-se-ia, quando não se justificasse.

Mas bem sabes, Antônio, que isto não é verdade. A democracia é capaz de propiciar as melhores condições materiais à existência humana. Um só exemplo — o dos Estados Unidos — bastaria a demonstrá-lo. Por que, pois, renunciar à liberdade, se a liberdade é compatível com a prosperidade? Por que desistir de um dos bens, quando, sem nenhuma contradição, antes com mútua vantagem, os podemos fruir ambos? Somente por aberração moral, por ojeriza à liberdade é à dignidade do homem, se poderia preferir uma coisa sem a outra, a prosperidade sem a liberdade.

E não é tudo, Antônio. Se a democracia é compatível com as melhores condições materiais de vida, e não há, portanto, por que a repelir, a ditadura conduz fatalmente ao descabro, à miséria, à ruína econômica e financeira. É uma lei fatal, tão fatal como a da queda dos corpos. Se não tivéres olhos de vêr o que se está verificando no Brasil, observa ao menos o que succedeu nos modernos países totalitários. E, se isto ainda não te convencer, percorre as páginas da História, que lá a encontrarás exuberantemente exemplificada.

A ruína é a recompensa de todos os povos que abjuraram da sua fé na liberdade.